



## A MANUTENÇÃO DOS CAMPOS DE GOLFE E A COVID-19

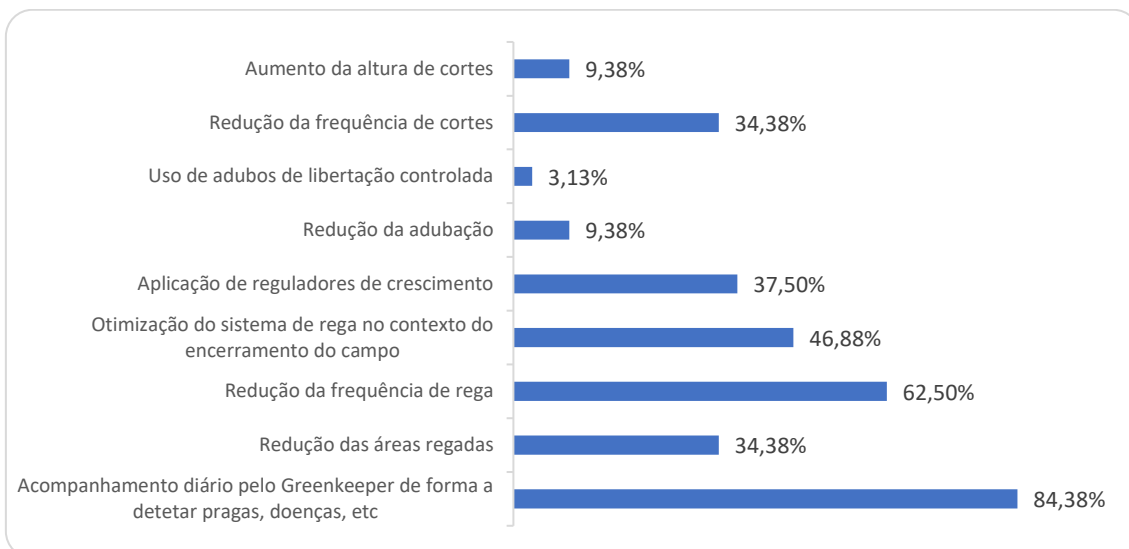
20.abril.2020

A APG tem acompanhado de perto todos os desenvolvimentos relacionados com a situação de crise determinada pela evolução da pandemia de *COVID-19* em Portugal, na Europa e no Mundo em geral. Desde a segunda semana de março o país ficou vigilante e as escolas foram as primeiras a fechar as portas, os alunos a terem aulas à distância, as empresas a perceberem que tinham que adotar, quando possível, o modo de teletrabalho e os governantes estavam atentos e reagiram com rapidez. O mundo ficou e está suspenso! Desde 18 de março que o país se encontra em Estado de Emergência e os campos de golfe fecharam as portas, obedecendo às normas de confinamento, de distanciamento físico e, como a atividade de manutenção dos relvados não pode ser feita à distância, ou em teletrabalho, as empresas dividiram as suas equipas de manutenção, reduziram o número de funcionários a trabalhar em simultâneo e entraram em *lay-off*.

Em Portugal, as administrações e manutenções dos campos de golfe reagiram imediatamente, colocando em prática planos de contingência que permitissem continuar os trabalhos de manutenção mas também que garantissem a segurança dos seus colaboradores. Com o objetivo identificar as medidas que estão a ser tomadas pelos responsáveis das equipas de manutenção, partilhamos agora o resultado do inquérito onde apuraram-se os procedimentos dum universo de 49 campos.

### **Que medidas de redução de custos foram implementadas na área da manutenção?**

Numa análise a nível nacional, uma vez que se apuraram respostas de quase todas as zonas onde estão implantados campos de golfe, os responsáveis de manutenção decidiram adotar várias medidas visando a redução de custos. Entre elas destacam-se o acompanhamento diário pelo Greenkeeper de forma a detetar os stresses bióticos (pragas, doenças), a redução das áreas regadas, a redução da frequência de rega, a otimização do sistema de rega, a aplicação de reguladores de crescimento, a redução da frequência de cortes, o aumento da altura de corte, entre outros. Na **Figura 1** apresentam-se a proporção das medidas adotadas pelos responsáveis dos campos de golfe. Dentro destas, destacam-se o acompanhamento diário dos Greenkeepers de forma a detetarem as pragas e doenças (84,4%), a redução da frequência de rega (62,5%), a otimização do sistema e rega no contexto de encerramento (47,9%), a aplicação de reguladores de crescimento (37,5%), a redução de frequência de cortes (34,4%) e a redução das áreas regadas (34,4%). Numa observação rápida sobre estas medidas, poder-se-á verificar que o consumo de água tem uma grande preponderância nas primeiras decisões, mesmo considerando que o período de início da “quarentena” e encerramento das atividades até coincidiu com um período em que ocorreram e está a ocorrer alguma precipitação. As medidas de redução da frequência de corte e o aumento da altura do mesmo aparecem num segundo plano. Estas com redução efetiva quer em energia (combustíveis) e quer mão-de-obra, numa situação em que todas as equipas acabaram por ficar reduzidas em número de colaboradores.

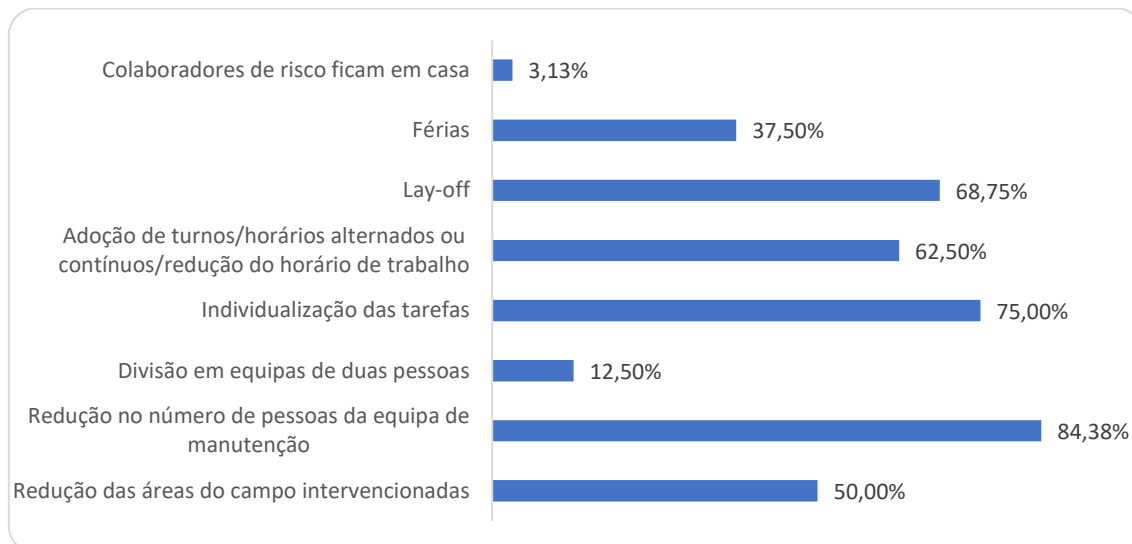


**Figura 1.** Medidas adotadas de redução de custos pós encerramento dos campos.

No que respeita às ações da gestão das equipas de manutenção e, em parte, da força laboral, os campos de golfe, considerando a menor necessidade de manutenção que o encerramento trouxe, implementaram algumas medidas de gestão das equipas, destacando-se as seguintes (**Figura 2**): a redução do número de pessoas das equipas (84,4%), a individualização das tarefas (75,0%), a adoção de turnos e/ou horários alternados das equipas ou a redução de horário (62,5%) e a redução das áreas do campo intervencionadas (50,0%). Observa-se que numa tentativa de evitar contágios, uma grande percentagem dos campos adotou a individualização das tarefas, e a formação de equipas constituídas por duas pessoas. Duas outras medidas tomadas numa percentagem elevada foram o gozo de férias (37,5%) e a implementação do *lay-off* (68,8%). É de louvar uma das ações de gestão tomadas que foi a de enviar os colaboradores considerados de risco para casa. Contudo, apenas 3% dos campos referem a adoção dessa medida. Na medida “redução do número de pessoas nas equipas”, observou-se que as reduções oscilaram entre 10 e 83% da massa laboral das equipas de manutenção, sendo que as equipas ficaram com uma dimensão, em média, de 55% quando comparada a dimensão da “mão-de-obra” com o período pré-Covid-19. A não renovação de contratos laborais também foi uma das medidas tomadas num dos campos de golfe e, porventura, outros a adotarão aquando do retorno à atividade dos mesmos...

Os campos foram encerrados; a maioria retirou os copos dos buracos e respetivas bandeiras nos greens. Alguns responsáveis manifestaram a ocupação por sócios, residentes juntos dos campos que se aventuraram a jogar alguns buracos. Na generalidade, a quantidade de trabalhos/tarefas, a decisão de adoção das práticas culturais como a renovação, a descompactação e a aerificação passaram a ser repensadas em todos os campos de golfe. Alguns optaram por não as fazer durante esta “paragem”, evitando esses encargos, decidindo poder efetuar essas práticas culturais mais tarde com a reabertura dos campos. De certa forma, ainda é cedo para se poder decidir sobre o avançar com essas referidas práticas, já que as condições climáticas ainda não permitam um mais rápido crescimento vegetativo e consequente recuperação da relva em

especial quando se operam práticas culturais agressivas, nas espécies de clima temperado, como é o caso das *creeping bentgrass* nos greens.



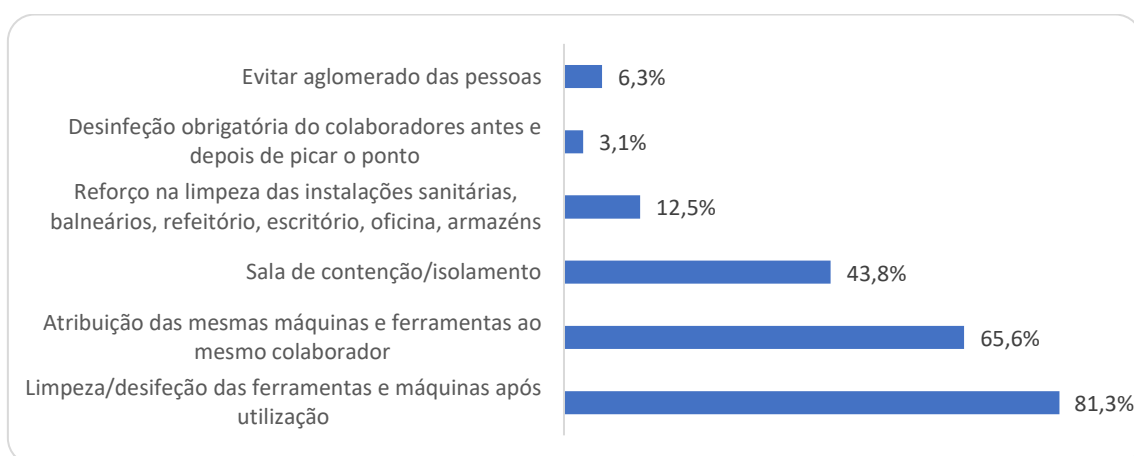
**Figura 2.** Medidas adotadas de redução de custos pós encerramento dos campos.

Independentemente da calendarização de trabalhos que foi adotada em cada campo e, caso a caso, foram implementados (e/ou recomendados) alguns procedimentos de proteção individual dos trabalhadores. Destes destaca-se que todos os campos inqueridos introduziram as regras de distanciamento social e da prática de lavar frequentemente as mãos (**Figura 3**). Da totalidade dos campos respondentes, 93,8% recomendaram aos seus colaboradores que evitassem o contacto com pessoas de fora. Foi também recomendado evitar o contacto com os colegas de outras equipas (90,6%) e evitar a partilha de objetos pessoais ou comida que tenham tocado (90,6%). Foi também solicitado aos funcionários que evitem o movimento de levar as mãos à cara (boca, nariz, olhos) (87,5%) e 62,5% implementaram a utilização de máscaras, luvas e outros EPI. Aparentemente, 6,3% dos campos instalaram, ou disponibilizaram, dispensadores com desinfetante.



**Figura 3.** Procedimentos de proteção individual implementados/recomendados aos funcionários da manutenção.

Verificou-se também que todos os campos implementaram procedimentos de limpeza e higienização das zonas de trabalho e dos equipamentos e, em um ou outro caso, o estabelecimento de uma sala de contenção/isolamento para o caso de aparecerem colaboradores suspeitos. Dentro destas medidas salientam-se ainda as seguintes (**Figura 4**): 81,3% adotaram práticas de limpeza/desinfecção das ferramentas e máquinas após utilização, em 65,6% dos campos foi decidido atribuir as mesmas máquinas e ferramentas ao mesmo colaborador, 43,8% estabeleceram uma sala de contenção/isolamento para o caso de aparecerem colaboradores com sintomas suspeitos e 12,5% apontou o reforço na limpeza das instalações (sanitárias, balneários, refeitório, escritório, oficina e armazém). Duas outras medidas recomendadas foi o evitar aglomerados de pessoas (6,3%) e a desinfecção obrigatória dos colaboradores antes e depois de picar o ponto.



**Figura 4.** Medidas de limpeza e higienização implementadas.



E agora? Será que estas medidas são suficientes? Claro que não há proteção 100% eficaz, mas a adoção de procedimentos que “obriguem” à desinfeção/limpeza dos espaços, dos equipamentos e das ferramentas, complementados com práticas de higiene e proteção individual são algumas “armas” que poderemos utilizar contra este pequeno, invisível e perigoso SARS-Cov-2.

Ainda não sabemos quando poderão reabrir os campos, contudo, estaremos prontos para que logo que sejam levantados um conjunto de restrições e limitações decorrentes da Declaração do Estado de Emergência no país, e na base do compromisso de cumprimento de Directrizes Orientadoras para o sector e a adopção de medidas adicionais de proteção da saúde pública que venham a ser exigidas, os campos estarão prontos para reabrir.

**APG**

Luís Pinto  
Joel Nunes

**UAlg**

Carlos Guerrero

**CNIG**

Vanessa Velosa

*Lista de siglas que surgem no texto:*

CNIG, Conselho Nacional da Indústria do Golfe  
APG, Associação Portuguesa de Greenkeepers  
FPG, Federação Portuguesa de Golfe  
RFEG, Real Federación Española de Golf  
AECG, Asociación Española de Campos de Golf  
AEdG, Asociación Española de Greenkeepers  
AEGG, Asociación Española de Gerentes de Golf  
PGA, Asociación Española de Profesionales